

FHC-discurso

INTEGRA

ESTADO DE SÃO PAULO

14 AGO 1997

Governo faz reforma agrária com qualidade, diz FH

É a seguinte a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de lançamento do projeto Cédula da Terra:

Senhor ministro Raul Jungmann, Senhores ministros de Estado, Senhores governadores, que nos deram a honra da presença, Senhores senadores, senhores deputados federais, Senhoras e senhores,

Acredito que mais um passo está sendo dado, nesta manhã, na direção de nós avançarmos não apenas numericamente no processo da reforma agrária, mas qualitativamente. Hoje, o que se faz tem um significado todo especial, que já foi ressaltado pelo ministro Jungmann, porque nós estamos começando a descentralizar, a federalizar, como ele disse, o processo da reforma agrária; sem que daí se derive a idéia de que a União deixe de participar do processo ou lave suas mãos. Pelo contrário, isto aqui é um acrescentamento à responsabilidade da União. Não é, simplesmente, uma desobrigação ou desobrigar-se da União.

Na verdade, com esses US\$ 150 milhões do Banco Mundial, como se trata de uma experiência, nós vamos assentar mais 15 mil famílias. R\$ 10 mil por família. E isso se agrega às 280 mil famílias que temos como compromisso assentar, até o fim de 1998. Portanto, passaríamos a ter 295 mil famílias a serem assentadas até o fim do mandato.

Não vou me referir mais ao fato, que é sabido, de que, a despeito das gritarias que se possam fazer, nunca

na História se terá assentado tantas famílias no campo como no meu governo. E isso ainda não é suficiente para atender aos reclamos da população que necessita de terra.

Mas, eu dizia, não se trata somente de uma mudança de quantidade. Agora, os governadores vão poder ter uma latitude maior para a ação. E muitos deles já estão nessa direção, há algum tempo. Há programas no Ceará. Há programas no Mato Grosso, no Maranhão. Praticamente em todos os Estados aqui referidos há programas. E, agora, haverá apoio financeiro para esses programas.

Mas há mais do que isso. Nós temos que baratear, realmente, o custo do assentamento. Ao custo de R\$ 22 mil por família, é fácil ver que as proporções são astronômicas. E eu já disse isso mais de uma vez: a sociedade tem de responder se quer, qual e a velocidade com a qual quer assentar mais gente no campo, porque o custo é elevado.

Não é só o custo inicial. E, aí, vem a novidade: nesse programa, nós estamos mudando a concepção mesma de como é que se vai dar acesso a terra. Não adianta dar acesso a terra para criar uma clientela rural do Estado. E devemos dizer, com toda a sinceridade, que o que foi feito no Brasil, em nome da reforma agrária, foi ampliar a quantidade de pessoas que dependem do governo federal, sem resolver, portanto, a vida dessas pessoas e agravando a situação de caixa do governo federal.

Nós temos de inovar nisso. Nós não podemos imaginar que este país vai ser o país de funcionários

públicos no campo. Não tem sentido. Nós temos de ser um país de produtores rurais. E, com esse programa, nós imaginamos que seja mais fácil fazer com que as pessoas tenham acesso a terra e possam produzir na terra, porque o prefeito, porque o governador conhecem melhor as condições de onde é que eles devem localizar essas famílias e porque nós temos a possibilidade de pagar em dinheiro e, com muito maior rapidez, portanto, ter o benefício da compra da terra, sem incorrer nesses processos longuíssimos, muitos dos quais, no passado, foram fraudulentos. E nós pagamos, no presente, até hoje, cifras astronômicas por desapropriações malfeitas. Então, muda qualitativamente o programa.

Mas mais ainda: se o Banco Mundial ofereceu US\$ 150 milhões, o BID, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, está disposto a completar com mais US\$ 250 milhões de dólares esse programa. O ministro Raul Jungmann esteve recentemente lá, em Washington. E eu falei, ainda nesta semana, com o dr. Iglesias e ele confirmou o interesse do banco em ampliar esse programa.

E tudo isso é pouco. E, porque é pouco, não apenas os bancos aqui representados pelo Banco do Brasil e o Banco do Nordeste, que têm tido um papel muito importante na dinamização desses programas, mas também o BNDES vai entrar com uma contribuição decisiva, não só para acelerar o processo de acesso a terra, como para inovar o modo pelo qual se busca esse acesso a terra.

Eu espero que dentro de pouco

tempo possamos mostrar ao País que o BNDES vai colocar cerca de R\$ 1 bilhão nessa modalidade nova, com o Banco da Terra, utilizando os mesmos mecanismos da Cédula da Terra, para, efetivamente, abriremos novas fronteiras agrícolas e darmos possibilidade de acesso a terra àqueles que não dispõem de terra, mas, sim, têm disposição para trabalhar.

Isso vai potencializar muito o programa geral de reforma agrária. E nós vamos também mudar a qualidade desse programa. Em vez de ficarmos gritando o tempo todo que é preciso desapropriar, temos recursos para, utilizando o mercado, comprar terras mais baratas e assentar as pessoas na terra. Talvez os que gostem de reforma agrária somente para fins políticos fiquem tristes, queixosos. Talvez não gostem do que nós estamos fazendo hoje aqui. Pois, melhor que não gostem mesmo porque faremos mais. Faremos mais porque nós temos interesse não é de transformar reforma agrária em slogan, mas é transformá-la num mecanismo de melhoria de vida da população e portanto ampliar a possibilidade de acesso e de produção àqueles que realmente querem trabalhar na terra.

Vamos fazer. Vamos fazer com muito empenho. Vamos levar adiante essas transformações. O Brasil está assistindo a um conjunto de medidas. E eu quero agradecer aqui ao Congresso Nacional, porque, se não fosse o apoio do Congresso, não teríamos essas medidas hoje, não só porque facilitou muito a desapropriação no caso da reforma agrária

tradicional, como porque permitiu, agora, instrumentos mais ágeis para a reforma agrária, porque o ITR vai ser um instrumento importante também de barateamento do custo da terra, porque, por muitas outras medidas que o Congresso tem tomado, tem nos permitido agilizar o processo de reforma agrária.

Quero também agradecer, como já o fez o ministro Jungmann, aos técnicos que labutam nessa matéria, aos do Inbra — e aqui se mencionou o presidente. Ao mencioná-lo outra vez, eu juntamente com o ministro estamos agradecendo a todos os funcionários do Inbra que estão empenhados nessas modificações, porque sem eles não há possibilidade de que isso avance. Agradeço, portanto, o empenho do Inbra em modernizar-se, em avançar, em entender que o governo está mesmo disposto a avançar muito na questão do acesso a terra. E quero conchamar mais uma vez as nossas instituições financeiras para que elas continuem no caminho que estão trilhando hoje, que é um caminho de efetivamente servir aqueles que não dispõem de recursos.

Ainda, recentemente, ontem nesta mesma sala, eu não sei se em outra, me referi ao Pronaf, que é um programa essencial, essencial, que é um programa efetivamente de colocar à disposição das famílias de trabalhadores os recursos necessários para que eles valorizem a terra e o seu trabalho. E só pode haver Pronaf porque tem o Banco do Brasil, porque tem Banco do Nordeste,

porque houve mudança na cultura das instituições financeiras brasileiras, de tal maneira que elas, agora, passam a atender, não só aos grandes, mas aos médios e aos pequenos, que são a imensa maioria deste país.

Mudança de cultura requer tempo. Não se faz por decreto, se faz por persuasão, por repetição, por insistência. Mas, o fato é que as nossas instituições financeiras estão cada vez mais voltadas para o social. De modo que, em vez de imaginar que o Banco é um instrumento simplesmente do capital, ele passa a ser um instrumento também da melhoria das condições concretas de vida da população com esse conjunto de programas. E tanto o Ministério da Política Fundiária quanto o Ministério da Agricultura estão unidos no caso do Pronaf e no caso desses programas novos, nessa transformação.

Já falei, talvez, excessivamente. Quero agradecer mais uma vez aos governadores. E quero em especial agradecer ao governador Tasso Jereissati, porque hoje é dia 13 de agosto e ele tomou avião, demonstrando uma paixão pela reforma agrária. Eu realmente fico contente de vê-lo assim. E ele já provou também que é superstição, porque está bem disposto aqui, sorridente. E certamente esse sorriso é extensivo a todos os governadores que estão contentes de estarem participando de um programa que vai ajudar a população do nosso país.

Muito obrigado aos senhores e às senhoras.